



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUZANI DOS SANTOS SANTANA

**RELAÇÃO ECONOMIA SOLIDÁRIA AOS PROCESSOS DE
EDUCAÇÃO POPULAR VIVIDOS PELA ASSOCIAÇÃO DE
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE BOM GOSTO SÃO
FELIPE - BAHIA**

Amargosa - BA

2018

LUZANI DOS SANTOS SANTANA

**RELAÇÃO ECONOMIA SOLIDÁRIA AOS PROCESSOS DE
EDUCAÇÃO POPULAR VIVIDOS PELA ASSOCIAÇÃO DE
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE BOM GOSTO SÃO
FELIPE - BAHIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Tatiana Ribeiro Velloso

Amargosa - BA

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

LUZANI DOS SANTOS SANTANA

**RELAÇÃO ECONOMIA SOLIDÁRIA AOS PROCESSOS DE
EDUCAÇÃO POPULAR VIVIDOS PELA ASSOCIAÇÃO DE
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE BOM GOSTO SÃO
FELIPE - BAHIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Tatiana Ribeiro Velloso – Orientadora
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof Msc Carlos Adriano da Silva Oliveira
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria da Conceição de Menezes Soglia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SOLIDARIEDADE

Solidários, somos gente;
Solitários, somos peças.
De mãos dadas, somos força;
Desunida impotência.
Isolados, somos ilha;
Juntos, somos continente.
Reflexivos, somos grupo.
Organizados, somos pessoas;
Sem organização, somos objetos de lucro.
Em equipe, ganhamos, libertamo-nos;
Individualmente, perdemos, continuamos presos.
Participando, somos povo;
Marginalizando-nos, somos rebanho.
Inconscientes, somos massa;
Unidos somos soma;
Na massa, somos número.
Dispersos, somos vozes no deserto;
Agrupados fazemo-nos ouvir.
Amontoando palavras, perdemos tempo;
“Com ações concretas, construímos sempre”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me sustentado nos momentos mais difíceis, e me dado coragem para continuar. Aos meus pais, irmãos, família que sempre se mostrou orgulhosos sobre minhas conquistas escolares. A minha orientadora Tatiana Ribeiro Velloso, e professor Carlos Adriano Oliveira pelas orientações e dedicação na concretização neste trabalho monográfico. A todos amigos que fiz na universidade, em especial Maria José Santana, Ana Claudia Pereira e Adriely Brito. Amizade esta concretizada na graduação, mas que levarei para vida toda.

A Neto *in memoriam* guardarei na memória tudo que vivemos. Aos amigos que e conquistei em Amargosa, pelas convivências e laços se formaram. A minha amiga Mônica Cintra pelo incentivo. Ao meu esposo Nani sempre se mostrou orgulhoso com seu apoio e amor. A Associação Comunitária do Bom Gosto, que construíram a possibilidade dessa experiência com o qual aprendi tanto.

Aos os docentes do Centro de Formação de Professores, que com muito carinho e responsabilidades, me apoiaram em momentos difíceis de aprendizagem e crescimento.

Agradeço às pessoas que me incentivaram no ingresso na Universidade enfim todos pelas orientações, atenções, que ultrapassam a construção deste trabalho acadêmico.

RESUMO: A presente monografia intitulada “Relação economia solidária aos processos de educação popular vividos pela associação de desenvolvimento comunitário de Bom Gosto São Felipe – Bahia”, tem o objetivo de compreender o processo de formação dos cooperados da Associação Comunitária do Bom Gosto de São Felipe/ BA para a gestão do empreendimento solidário “Cantina Solidária” do Campus de Cruz das Almas – BA, na identificação e análise dos conhecimentos práticos das cooperadas envolvidas. É uma pesquisa qualitativa, utilizando-se como instrumento a entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres participantes da Associação Comunitária do Bom Gosto. Para o estudo teórico, recorreremos a alguns autores como: Singer (2002), Gadotti (2009), Freire (1999), Brandão (2006), dentre outros autores que discutem o tema abordado. Por meio dos resultados obtidos através da análise dos dados, foi possível identificar que as práticas pedagógicas permeiam os espaços não formais de educação, bem como a importância para a construção do conhecimento, na estruturação de um empreendimento solidário formado por mulheres, que buscaram possibilitaram a sobrevivência material, mas também a organização de um espaço que proporcionou o crescimento de ações solidárias e coletivas no fortalecimento de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Economia solidária; práticas pedagógicas; espaços não formais.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AGROVIDA	Associação de Estudantes de Apoio a agricultura Familiar e Agroecologia da Universidade Federal da Bahia
CCAAB	Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CEDITER	Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra
COOPERRECONCAVO	Cooperativa Agro industrial do Recôncavo da Bahia
DED	Departamento de Estados e Divulgação
EES	Empreendimento Econômico Solidário
INCUBA	Incubadora de Empreendimentos Solidários
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PGPM	Programa de Garantia de Preços Mínimos
PNE	Programa Nacional da Alimentação Escolar
PRONACOOP	Programa Nacional de Fomento às Cooperativas de Trabalho
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEEDS	Sociedade de Estudos dos Ecossistemas e Desenvolvimento Sustentável da Bahia
SENAES	Secretária Nacional de Economia Solidária
SIES	Sistema Nacional de informação em Economia Solidária
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNISOL	Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
2. CONTEXTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL	15
2.1. A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO UM ATO PEDAGÓGICO	19
2.2. PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO	22
3. EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS NA PERSPECTIVA DO COMÉRCIO JUSTO E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO POPULAR	28
3.1. AS CONQUISTAS E AS IMPLANTAÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA	29
4. CONHECENDO A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO BOM GOSTO DO MUNICÍPIO DE SÃO FELIPE - BAHIA	31
4.1. PERCEPÇÕES DOS ASSOCIADOS DA COMUNIDADE DO BOM GOSTO E BATATAN SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA	32
4.2. A FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DAS COOPERADAS PARA O EMPREENDIMENTO SOLIDÁRIO: DA SOLIDARIEDADE À AUTOGESTÃO	35
4.3. A IMPORTÂNCIA DAS FORMAÇÕES DESENVOLVIDAS PELA INCUBA/UFRB PARA A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6. REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem por enfoque uma aproximação teórico-prática dos conceitos da Economia Solidária, na perspectiva das suas relações com a Educação Popular. Na Associação de Desenvolvimento comunitário de Bom Gosto, São Felipe- Bahia, e com relevância na história de luta da associação, seus projetos educativos para os trabalhadores.

A Cooperativa Agro Industrial do Recôncavo da Bahia – COOPERRECONCAVO, em 2005, contava com 312 agricultores familiares associados, dos municípios de Maragojipe, São Felipe, São Félix e Cruz das Almas, compondo o seu quadro social. A Cooperreconcavo surgiu no momento em que os associados perceberam na cooperativa a ausência de participação da base social, com problemas de ordem gestonária e holística. Essa visão contribuiu para o desenvolvimento do senso crítico dos cidadãos dessa localidade. Com isso, foi perceptível que os jovens ficaram nas propriedades e deram continuidade aos processos produtivos agropecuárias, e assumiram a COOPERRECONCAVO no momento que os associados perceberam na cooperativa a ausência de participação da base social, com problemas de ordem gestonária.

Nos anos de 2003 e 2004, a Cooperativa teve problemas no processo de sua gestão, isso fez com que ocorressem sequelas na cooperativa, a exemplo de endividamento dos membros sem a compreensão da origem da dívida. No início de 2005, a Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra - CEDITER inicia a parceria com a COOPERRECONCAVO com o objetivo de assessorar os processos de gestão a partir de uma série de atividades e acompanhamentos específicos: cursos de cooperativismo, oficinas de gestão para os conselheiros administrativos e fiscais, oficinas de relações interpessoais, estudo de viabilidade e gestão democrática, reformulação do estatuto, acompanhamento contábil e financeiro, acompanhamento jurídico, trocas de saberes, participação em eventos da economia solidária, entre outros.

O trabalho foi realizado no período de 2005 a 2007, nos municípios de abrangência da cooperativa. Contou com a parceria do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), da UNISOL BRASIL – Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários, da CEDITER – Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra e da AGROVIDA - Associação de Estudantes de Apoio a Agricultura Familiar e a Agroecologia da Universidade Federal do da Bahia. (SANTOS e VELLOSO, 2009).

Desde o ano de 2007, as mulheres da Comunidade Batatan observaram que elas estavam se sentindo excluídas da atividade produtiva, uma vez que o inhame, por gerar riquezas e

concentrar apenas nas mãos do homem. Daí para se apropriar do processo de cooperativismo, as mulheres decidiram associar-se a uma cooperativa para promover a geração de trabalho e renda. Daí surge o projeto de beneficiamento de frutas e mini processamento de inhame e aipim porque a comunidade produz, e essas mulheres estariam aproveitando algo que na agricultura da região não tem muito valor agregado. A comunidade de Bom Gosto as famílias não possuem terra, e vivem no vilarejo apenas com espaço de moradia. Com a organização social dessa comunidade, surgiu a Associação de Desenvolvimento Comunitário de Bom Gosto, e posteriormente construiu-se uma casa de farinha modelo para processamento de mandioca, tendo como produtos: farinha, beiju e tapioca. Essas atividades no município destacam a produção fogos de artifícios. De acordo os relatos de moradores da comunidade, as famílias trabalhavam com a produção de fogos de artifícios de forma clandestina, o qual teve um incêndio deixando vítimas fatais, e isso fez com as famílias mudassem a atividade econômica.

Destaca-se outra parceria importante para o fortalecimento da associação o projeto de jovens multiplicadores da Sociedade de Estudos dos Ecossistemas e Desenvolvimento Sustentável da Bahia - SEEDS, consiste na estruturação de experiências produtivas e político-organizacionais de mulheres da agricultura familiar e de multiplicadores, situadas em comunidades rurais dos Territórios do Recôncavo da Bahia e do Vale do Jequiçá, através de um processo sistematizado de capacitação, assessoria e consultoria com o objetivo de consolidar as atividades produtivas de plantas medicinais, de beneficiamento de frutas e de formação de multiplicadoras de assessoria técnica agroecológicas, experiências capazes de gerar trabalho e renda de forma sustentável para as mulheres envolvidas, municípios atendidos Cruz das Almas, Maragogipe, São Felipe, São Félix e Mutuípe. Um dos objetivos é formar multiplicadores de assistência técnica agroecológica, permitindo que estudantes de nível médio e superior tenham oportunidade de otimizar sua capacitação profissional na área da agroecologia bem como sua atuação técnica junto à agricultura família, tive o prazer de ser monitora, participava dos encontros, em outras cidades oficinas voltadas para empreendimentos solidários, em seguida compartilhava nas reuniões essas experiências.

Como resultado positivo do projeto foi a integração dos princípios da agroecologia e da sustentabilidade no âmbito das experiências de mulheres da agricultura familiar em comunidades rurais dos territórios do Recôncavo da Bahia e do Vale do Jequiçá; Incentivo a diversificação da produção agrícola e a sua sustentabilidade, voltado para a produção e o beneficiamento de plantas medicinais, de frutas e de raízes, com dinamização econômica de alto valor cultural e de agregação de valor; Valorização e resgate do conhecimento tradicional

de comunidades rurais, promovendo a dignidade das mulheres da agricultura familiar, com incremento da capacitação e da assessoria técnica.

No decorrer do tempo, essas mulheres começaram a participar das reuniões realizadas nas comunidades, e daí surgiram vários questionamentos e a possibilidade de geração de renda na perspectiva de políticas públicas para essas mulheres. Com isso então, o grupo ficou sensibilizado e motivado a buscar soluções para esse problema, buscando fortalecer o que já existe na comunidade, ou seja, o processamento da mandioca e continuar fazendo o que já faz de forma comunitária, arrendar terra e continuar sendo meeiro. Nesse contexto, os grupos de mulheres da agricultura familiar de Batatan e de Bom Gosto, mesmo com trajetórias diferentes, buscam estruturar a produção dos derivados de raízes, tubérculos e frutas das respectivas comunidades rurais, oriundas da agricultura familiar, com o acompanhamento a partir de 2008 da Incubadora de Empreendimentos Solidários – INCUBA da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, com uma unidade de produção integrada e com a cessão de uso de três cantinas no Campus de Cruz das Almas da UFRB.

Além desses resultados positivos, tive a oportunidade de ser bolsista entres os anos de 2014, 2015 e 2016 assessorando a associação dos produtores Rurais de Corta Mão zona rural de Amargosa de forma satisfatória em que esses conhecimentos foram compartilhados, bem como, esses contatos com as associações comunitárias oportunizou-me à definição do tema do meu trabalho monográfico.

Nas últimas décadas, as mudanças socioeconômicas ocorridos no mundo levaram ao aumento da informalidade e do trabalho precário, uma situação na qual boa parte dos trabalhadores se sujeita a qualquer ocupação para garantir a sobrevivência, mesmo que seus direitos sociais não sejam atendidos. No entanto, surgiram alternativas de geração de renda. Os empreendimentos econômicos solidários é uma dessas formas, além de ser um instrumento de inclusão social, é um jeito diferente de produzir, comprar, vender e trocar. São exemplos de empreendimentos solidários: cooperativas, associações, grupo de produção e clubes de trocas que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

Segundo Gadotti (2009, p. 48), “a economia solidária, mais do que um modo de produção, é um modo de vida”. Portanto, a economia solidária exige uma nova postura com relação à valorização do homem e da natureza, trata-se de uma economia em que todos decidem juntos e ganham juntos, nesse sentido a educação se torna essencial para o avanço deste novo sistema econômico.

Partindo deste pressuposto, esta monografia tem por objetivo geral compreender o processo de formação das mulheres associadas da Associação Comunitária do Bom Gosto de São Felipe - BA para a gestão do empreendimento solidário “Cantina Solidária”. Os objetivos específicos são: conhecer os processos de formação voltados à economia solidária desenvolvidas na Associação Comunitária do Bom Gosto de São Felipe - BA na relação de assessoria da INCUBA- UFRB; identificar conhecimentos práticos das associadas envolvidas com o empreendimento solidário “Cantina Solidária” sobre a economia solidária.

Como hipótese, pode se observar que o processo de formação de trabalhadores para o envolvimento direto em empreendimentos solidários não esteja alcançando o objetivo de fazer com que tais trabalhadores compreendam o que é a economia solidária, nem as suas implicações sobre as mudanças de comportamento social que dela devem decorrer.

Dentre os estudos que embasaram o trabalho, destacam-se os autores que possibilitam o atendimento dos objetivos deste estudo. Singer (2002) que colabora nos princípios da Economia Solidária, e defende a ideia de que ela poderá ser uma alternativa superior ao capitalismo por proporcionar às pessoas uma vida melhor, com solidariedade e igualdade. Gadotti (2009) contribui na discussão da economia solidária como prática pedagógica, contextualizando a questão no plano histórico, produzindo desta forma um amplo e profundo estudo do que vem a ser a economia solidária no mundo de hoje.

Minayo (2008) contribui sobre o caráter qualitativo das ciências sociais e da metodologia que se deve aplicar para reconstruir, de forma teórica, o seu significado. Paulo Freire (1987) salienta a questão da ideologia opressora. O povo e lideranças devem aprender a fazer junto, buscando instaurar a transformação da realidade que os mediatiza. O autor ainda enfoca que o ser opressor precisa de uma teoria para manter a ação dominadora, os oprimidos igualmente precisam também de uma teoria para alcançar a liberdade.

Esta monografia apresenta o primeiro capítulo na abordagem sobre a Economia Solidária no Brasil, destacando a desigualdade e à marginalização produzidas pela competição e relações de subordinação características do capitalismo. Traz um breve histórico da Associação Comunitária do Bom Gosto São Felipe - Bahia destacando os benefícios da associação, o fortalecimento da agricultura familiar, acompanhamento da INCUBA/UFRB. No segundo capítulo, destaca a promoção do desenvolvimento sustentável e solidário, a relação economia solidária como práxis pedagógica e na perspectiva emancipadora de transformação dos sujeitos e da sociedade. No terceiro capítulo, apresenta os empreendimentos econômicos solidários na perspectiva do comércio justo, e suas relações com a educação popular, a

educação como prática da liberdade e as conquistas e as implantações de políticas públicas na economia solidária.

Espera-se que essa pesquisa seja um instrumento valioso de sistematização de aprendizados para o enfrentamento dos desafios no fazer economia solidária, com a reflexão teórico-prático da importância dos princípios da educação popular e a suas contribuições no campo pedagógico para uma educação emancipatória e igualitária, em que, esses sujeitos são atores da sua própria história e buscam a melhoria da coletividade na transformação histórica dos processos de exclusão.

1.1. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia empregada nesta monografia é uma pesquisa qualitativa, com estudo de caso, que geralmente é uma abordagem de investigação que procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos. A pesquisa qualitativa por esta proporcionar um contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado, além de trabalhar “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2008, p. 21).

A pesquisa é uma fonte enriquecedora para a construção de novas aprendizagens. Sobre pesquisa Marconi e Lakatos (1991, p. 16) apontam que “[...] sempre parte de um tipo de problema, de uma interrogação. Dessa maneira, ela vai responder as necessidades de conhecimento de certo problema ou fenômeno”.

Por meio da pesquisa podemos investigar um problema ou inquietação do pesquisador, além de ser um instrumento de suma importância para a construção de novas aprendizagens, pois através dela fazemos novas descobertas despertando assim a capacidade crítica.

A partir dessa inquietação, a pesquisa desenvolveu-se especificamente, nos seguintes questionamentos: Como é o processo de formação dos cooperados da Associação Comunitária do Bom Gosto de São Felipe-Bahia para a gestão do empreendimento solidário? Como se efetiva os conhecimentos práticos das cooperadas que estão envolvidas diretamente com a cantina solidária?. Para responder os seguintes questionamentos e efetivar os objetivos norteadores desta pesquisa, realizou-se uma pesquisa qualitativa. A pesquisa foi realizada com mulheres participantes da Associação Comunitária do Bom Gosto, considerando a importância que as mesmas desenvolveram neste espaço construindo autonomia financeira e empoderamento na sociedade, com a utilização do instrumento de entrevista semiestruturada.

A pesquisa de campo será realizada através de entrevistas semiestruturada com membros da Associação Comunitária do Bom Gosto. Este método permite “constatação de que a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana” (Szymanski, 2004, p.12) é um instrumento valioso para alcançar os objetivos desta pesquisa, já que os entrevistados são pessoas cheias de vivências que tem facilidade em relatar as suas lutas e conquistas.

Sobre as vantagens da entrevista “permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente” (Gil, 1999, p.128) esta se tornou um instrumento adequado para a pesquisa, pois muitas das mulheres trabalham durante a semana, sendo uma forma facilitada de conseguir concretizar a entrevista.

Foram realizadas duas entrevistas, a partir do critério de envolvimento e participação no grupo de mulheres, considerando uma de cada comunidade, respectivamente Bom Gosto – São Felipe e Batatan - Maragogipe: a primeira, realizada com a presidente da Associação Comunitária do Bom Gosto, esta tem nível fundamental completo, casada, moradora da comunidade local, que possui este cargo por meio de votação e por ser uma pessoa que destaca muito em frente aos movimentos; e segunda, de uma associada, que apresenta Ensino Fundamental Incompleto é moradora da comunidade do Batatan – Maragogipe.

Desta forma, a entrevista na pesquisa qualitativa privilegia a fala dos sujeitos, possibilitando uma compreensão da verdade do sujeito se tornando acessível por meio do diálogo, tornando-se favorável para o estudo do qual o objetivo é entender como os cidadãos compreendem o mundo.

Sobre pesquisa qualitativa, Alves-Mazzotti (1999, p.131) aponta que “parte-se da conjectura de que os indivíduos agem de acordo com suas crenças, sentimentos, valores e percepções; ademais, seu comportamento tem sempre sentido”. Por isso, para a construção da pesquisa será feito um estudo teórico de acordo ao tema em estudo, após entrevista com as mulheres da associação do município de São Felipe e Maragogipe - Bahia.

2. CONTEXTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

A economia solidária no Brasil nasceu pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção. A Grã-Bretanha foi a pátria da Primeira Revolução Industrial, precedida pela expulsão em massa de camponeses dos domínios senhoriais, que transformaram no proletariado moderno. A exploração do trabalho nas fábricas não tinha limites legais e ameaçava a reprodução biológica do proletariado, as jornadas de trabalho eram tão longas que debilitava os trabalhadores (SINGER, 2000). Com isso, é notório desigualdade e à marginalização produzidas pela competição e relações de subordinação características do capitalismo.

A Revolução Industrial teve início na Inglaterra em meados do século XIII. Essa revolução caracterizou-se pela criação e aprimoramento de novas técnicas que produtivas. As novas formas de produzir foram evoluindo e seus métodos resultaram em acúmulo de capital considerável nas mãos dos burgueses, proprietários dos meios de produção, e controladores das mãos de obra. A produção em série permitiu o enriquecimento desses indivíduos e o objetivo de ampliar os lucros faziam com que os operários tivessem uma sobrecarga de trabalho, chegando a trabalhar quatorze horas por dia, apesar de serem quem de fato produziam o produto final, os operários assalariados recebem uma parte mínima dos lucros advindos do processo produtivo, assim a revolução industrial prepara um terreno fértil para o surgimento e expansão do capitalismo.

O advento da revolução industrial resultou em uma série de modificações que vão além das mudanças no sistema produtivo, podemos citar, por exemplo, as formas como as pessoas

se relacionavam umas com as outras e a sua relação com o meio em que viviam. Assim, a revolução industrial e as novas formas de trabalho, acabaram mudando o comportamento das pessoas, as relações tornaram menos sólidas já que a longa jornada de trabalho não permitia que as pessoas participassem de atividades culturais, ou tivessem uma simples conversa com outros habitantes de sua mesma comunidade. Até a revolução industrial o trabalhador controlava seu próprio tempo e ritmo de produção, agora quem controla é a própria máquina. O processo produtivo foi fracionado e o trabalhador perde o reconhecimento do procedimento como todo causando alienação do trabalho e exploração, fazendo com as pessoas tornem-se reféns dessa nova forma de produzir. Além disso, muitos indivíduos tiveram que deixar o campo para habitar os centros urbanos para que suas terras fossem utilizadas para produção agrícola, fator que ficou conhecido como cerceamento. Além disso, a revolução industrial propiciou uma série de aspectos positivos que se refere ao progresso técnico científico, já que o auto ganho financeiro permitiu que se investisse em pesquisas e técnicas que aumentassem ainda mais a produção.

As mudanças de comportamento motivadas pelas modificações nas relações de trabalho fizeram com que as pessoas visassem o acúmulo de lucro, motivadas pelas ilusões criadas pelo capitalismo, que diz que se podem ter tudo desde que o indivíduo trabalhe e se, por acaso, o indivíduo não conseguir adquirir o seu objeto de desejo a culpa é dele que não trabalhou o suficiente.

O programa da economia solidária surge em resposta às contradições do sistema capitalista e as imperfeições de mercado, onde uma parcela da população que se encontra excluída do mercado de trabalho busca sua sobrevivência. A produção é organizada na forma de associação ou cooperativa, cujos princípios são:

posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir: gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperados não é demasiado) [...] também por critérios acertados entre todos os cooperados (SINGER, 2000, p. 13).

A economia solidária ganhou força no Brasil com apoio de instituições e entidades como as iniciativas associativas comunitárias e com a constituição de cooperativas populares, feiras de cooperativismo e redes de produção e comercialização.

Os empreendimentos solidários são cooperativas, grupos informais, associações, empresas recuperadas que trabalham em grupos, com a posse e/ou controle coletivo dos meios de produção, distribuição, comercialização e crédito; com a gestão democrática, transparente e

participativa dos empreendimentos econômicos e/ou sociais; e distribuição igualitária dos resultados (sobras ou perdas) econômicos dos empreendimentos (SENAES, 2008). Segundo o MTE (2011, p.1),

em muitos locais, as incubadoras universitárias têm sido importantes agentes de apoio e fomento à criação e fortalecimento de empreendimentos solidários, principalmente entre grupos e comunidades que não possuem muitos anos de estudo nem podem acessar serviços de assessoria.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE) tem clareza da importância da formação e da educação para o fortalecimento da economia solidária. Além da promoção e da divulgação da ES no Brasil, o Departamento de Estudos e Divulgação (DED) também tem atribuições relativas à formação. O Decreto 5.063, de 03 de maio de 2004, que trata da estrutura regimental do Ministério do Trabalho e Emprego, estabelece, no Artigo 19, item II, que uma das competências do DED é “Articular-se com o Departamento de Qualificação, da Secretaria de Políticas Públicas de Emprego, para a promoção de ações de formação no campo da economia solidária”. Nesse sentido, a SENAES busca desenvolver propostas e conteúdos e experimentar processos metodológicos, conforme as diretrizes:

Desenvolver processos formativos voltados a estratégias de desenvolvimento sustentável e solidário por meio do fortalecimento da ES e da autogestão; • Formação de agentes que realizam atividades formativas e de acompanhamento junto a empreendimentos econômicos solidários; • Experimentar e desenvolver metodologias de formação de multiplicadores e trabalhadores(as) cooperados em gestão coletiva dos empreendimentos; e • Disseminar conhecimentos e metodologias para subsidiar processos formativos junto aos empreendimentos econômicos solidários inseridos em estratégia de desenvolvimento.

Os processos formativos perpassam várias outras ações da SENAES, tais como:

o apoio a empresas recuperadas por trabalhadores(as) em regime de autogestão; o fomento e fortalecimento de redes de cooperação; a disseminação de metodologias e articulação de Bancos Comunitários e Fundos Solidários; as Feiras de Economia Solidária; o mapeamento da economia solidária, entre outras (SENAES, 2004, p.2).

É resultado de muitos anos de mobilização dos empreendimentos solidários e do cooperativismo social visando à regulamentação do setor, instituindo um conjunto de políticas públicas, voltado para fortalecer a Inclusão Social pelo Trabalho. Com efeito, há ainda desafios estruturais e institucionais que permanecem e precisam ser enfrentadas para a consolidação da

economia solidária enquanto estratégia de desenvolvimento. Os empreendimentos econômicos solidários enfrentam grandes barreiras institucionais que limitam a plena expansão de suas potencialidades.

O Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária foi desenvolvido pela Secretaria Nacional de Economia Solidária, sob a coordenação da Comissão Gestora Nacional e em parceria com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária enquanto um instrumento para identificação e registro de informações de empreendimentos econômicos solidários, entidades de apoio e fomento à economia solidária e políticas públicas de economia solidária no Brasil. São objetivos do SIES:

- a) Constituir uma base nacional de informações em economia solidária com identificação e caracterização de Empreendimentos Econômicos Solidários e de Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento à Economia Solidária; b) Fortalecer e integrar Empreendimentos Econômicos Solidários em redes e arranjos produtivos e organizativos nacionais, estaduais e territoriais, através de catálogos de produtos e serviços a fim de facilitar processos de comercialização; c) Favorecer a visibilidade da economia solidária, fortalecendo processos organizativos, de apoio e adesão da sociedade; d) Subsidiar processos públicos de reconhecimento da economia solidária; e) Subsidiar a formulação de políticas públicas; f) Subsidiar a elaboração de marco jurídico adequado à economia solidária; e g) Facilitar o desenvolvimento de estudos e pesquisas em economia solidária.

Para o SIES Empreendimento Econômico Solidário (EES) traça um conjunto de elementos e características que caracterizam a economia solidária. Assim, o SIES considera economia solidária com sendo organizações suprafamiliares, singulares e complexas, compreendendo organizações como, associações, cooperativas, empresas autogestionárias, onde os próprios operários gerenciam o negócio, clubes de trocas, entre outros. Nesse tipo de empresa os lucros são divididos entre os participantes da organização, que podem ser dos meios urbanos ou rural (SENAES, 2013). As características, aqui elencadas, nos mostram que o sistema de economia solidária deve atender a alguns critérios para que sejam vistas como tal, devemos atentar-nos para o fato de que o capital resultante da atividade é dividido para todos os membros da equipe, assim como a gestão da empresa, que deve compartilhada, também, entre os membros. O que nos mostra que é possível construir um novo modelo econômico mesmo dentro de um sistema majoritariamente capitalista.

2.1. A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO UM ATO PEDAGÓGICO

A economia solidária busca oferecer mediante a educação aprimoramento na qualidade de vida das pessoas, em particular dos que são explorados por sua força de trabalho, ela busca a valorização das pessoas e um novo modo de produção. Gadotti (2009, p. 14-15), discute a prática pedagógica da economia solidária, partindo de sua essência, em que

a economia solidária, mais que um modo de produção, é um modo de vida. O espírito da economia solidária é cooperar, viver melhor juntos. Ela nos obriga a ver as pessoas sob outro olhar. Todos pensam juntos. [...]É empoderar as pessoas pela dissolução do poder nelas, em todos e todas. Por isso, a educação é essencial para o avanço da economia solidária.

Portanto, este é uns dos princípios da Associação Comunitária do Bom Gosto a cooperação e consumo justo e solidário entre todos os sócios. Nessa relação das vivências entre os sujeitos participantes pode se afirmar que acontece a construção de novos saberes.

A educação é um dos instrumentos capaz de mostrar para as pessoas o seu lugar na sociedade. Assim, ela representa a principal ferramenta para que cada cidadão desfrute dos seus direitos e tenha consciência dos seus deveres, uma vez que a educação é o meio pelo qual o exercício da cidadania se completa. Para isso, a educação deve ser compreendida para além das salas de aula, é preciso compreender o discente como alguém inserido em um contexto maior

que o da sala de aula, é necessário pensá-lo como um ser que ocupa um lugar em um dado grupo social, capacitando-o para que o mesmo possa compreender o seu lugar nesse grupo. Preparando-o para que seja capaz de atuar e pensar criticamente, podendo assim, transformar a realidade em que vive.

Pensar criticamente é ser capaz de questionar os conceitos que nos são impostos, buscando evidenciar as verdades que não são contempladas pelos discursos oficiais, criados por grupos que historicamente exercem o poder absoluto na sociedade verdades essas “[...] cuja ocultação interessa às classes dominantes da sociedade” (FREIRE, 2001, p. 28).

O professor precisa construir no aluno a ideia de que ele pode e deve ser o elemento transformador da sua realidade. Para isso o trabalho educacional não pode resumir-se apenas em uma transmissão de conhecimento advinda do professor, é preciso considerar que o discente é um ser pensante que possui, muitas vezes, um vasto conhecimento de mundo. Desta forma a educação torna-se um elemento político, onde a sala de aula passa a ser um ambiente democrático de partilha de saberes, onde “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p. 38).

É nessa construção democrático do conhecimento que reside o caráter político da realidade, onde a educação torna-se uma das formas mais brilhantes de luta e de conquistas de espaços e direitos negados. A negação de direitos, a omissão por parte do poder público, a predominância de regimes que oprimem minorias, promove na população o sentimento de incapacidade de mudar a sua realidade. Freire (2001, p. 30) explica que,

às vezes, a violência dos opressores e sua dominação se fazem tão profundas que geram em grandes setores das classes populares a elas submetidas uma espécie de cansaço existencial que, por sua vez, está associado ou se alonga no que venho chamando de anestesia histórica, em que se perde a idéia do amanhã como projeto. O amanhã vira o hoje repetindo-se, o hoje violento e perverso de sempre. O hoje do ontem, dos bisavós, dos avós, dos pais, dos filhos e dos filhos destes que virão depois.

Essa falta de esperança e a cresce de que o amanhã será igual ao hoje pode ser desconstruída através de uma prática pedagógica que as essas pessoas o seu poder de mudar a sua realidade, mesmo que pareça improvável é possível enfrentar e agir fora dos sistemas e parâmetros estabelecidos pelas classes dominantes. A economia solidária pode ser encarada como um exemplo, de desconstrução de ideias absolutas, uma vez que se trata de um viés econômico que diverge dos ideais capitalistas, sistema econômico dominante. Essa desconstrução só é possível quando os envolvidos têm consciência do seu lugar no mundo, e a

forma mais eficaz para que isso aconteça é a educação ofertada com qualidade, é preciso pensar uma educação que vise a prática da democracia em sala de aula. Para Paulo Freire (2001, p. 54) é preciso

[...] que a educação popular cuja posta em prática, em termos amplos, profundos e radicais, numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza é exatamente a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais.

É através de uma prática pedagógica alicerçada nesses conceitos que teremos a democratização dos espaços e a conquista de direitos. As mudanças sociais almeçadas pelas classes que vivem à margem não serão feitas pelos habitantes do centro é preciso nos conscientizar disso, para que cada um seja capaz de cooperar com a mudança que tanto buscamos.

As ideias de Freirianas nascem como uma das expressões de emergência política das classes populares e conduzem a uma reflexão, e uma prática dirigida sobre o movimento popular. Essa liberdade só de efetiva em uma prática educativa que só alcança eficácia na participação livre e crítica dos indivíduos. Pois conforme Paulo Freire (1979, p. 21),

[...] no ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação.

A prática pedagógica deve realizar-se como prática da liberdade, buscando despertar nas pessoas a sua consciência crítica, conscientizando-os da sua responsabilidade social. Só dessa forma será possível ter forças para nadar contra a corrente. Segundo GONH (2013, p.44),

a educação não formal poderá ocorrer tanto em espaços urbanos como rurais; tanto em espaços institucionalizados (no interior de um conselho gestor, por exemplo), como no interior de um movimento social, entre aqueles que lá estão participando e reivindicando, e vão aprender algo sobre um dado tema [...], ou seja, a educação não formal é um processo de aprendizagem, não uma estrutura simbólica edificada e corporificada em um prédio ou numa instituição; ela ocorre via o diálogo tematizado. [...] o exercício da educação não formal é uma possibilidade real.

A economia solidária pode ser caracterizada, portanto, como uma práxis eminentemente pedagógica e que as ações político-pedagógicas inovador autogestionários e solidários, são fundamentais na perspectiva emancipatória de transformação dos sujeitos e da sociedade.

Arruda (2007, p.17) em Estratégias de formação no campo da economia dos setores populares, desenvolve uma ampla análise sobre o processo de educação solidária e o seu papel crucial para o desenvolvimento de uma economia responsável, plural, solidária e sustentável.

[..] Defende que a formação, enquanto Educação da Práxis, fator essencial para a passagem “do senso comum ao bom senso, da solidariedade espontânea [...] materiais ao reino da liberdade.

Esta formação acontece de forma concreta de como é vivida e percebida pelas pessoas e como ponto principal a transformação da realidade mais próxima na família no empreendimento e na comunidade é neste processo de ler e reler o mundo que os sujeitos vão se fortalecendo para intervir e construir outra sociedade.

2.2. PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO

A ONU (Organização das Nações Unidas) conceitua desenvolvimento sustentável como: “O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”. (ONU News .Acesso em: 24/06/18). A definição das Organizações Unidas nos leva a observar que falar de desenvolvimento sustentável corresponde a pensar em um desenvolvimento socioeconômico que vise a qualidade e responsabilidade do consumo, desta forma o desenvolvimento sustentável significa consumir e produzir de forma responsável que pense e vise a qualidade de vida das gerações atuais e futuras.

Discutir e falar sobre desenvolvimento sustentável na atualidade significa repensar os hábitos de consumo e as formas de produção característicos da contemporaneidade. Essas discussões mostram-se necessárias à medida que as questões ambientais e as condições de

trabalho são discutidas para pensarmos o futuro das próximas gerações assim, debruçar-se sobre as questões que tratam do desenvolvimento sustentável são fundamentais para alertar e prevenir acerca do mau uso dos recursos naturais e da sobrevivência das espécies do planeta.

A globalização e o desenvolvimento do capitalismo expandiram-se em proporções astronômicas, esse desenvolvimento aconteceu de forma desapropriada e desenfreada, sem compromisso com causas sociais e ambientais. O capitalismo vende sonhos, as propagandas não se limitam à apresentação do produto, em cada jogada de *marketing* há, mesmo que implicitamente, havendo do produto associado à ilusão de uma conquista maior, quando vemos uma propaganda de automóveis, por exemplo, observa-se que além da apresentação do carro ou moto, há uma associada do produto com a ideia de liberdade, comprar um carro é emancipar-se, adquirir independência. E quem não quer a tão desejada liberdade? É nessa busca que muitos consumidores acabam caindo em armadilhas publicitárias adquirindo, muitas vezes, produtos desnecessários e efetuando compras por impulso. Assim, observa-se que o sistema capitalista pouco se preocupa com o consumo consciente e responsável dos produtos, o que há na verdade é uma busca pelo lucro, sem pensar nas suas consequências.

Esse modelo de consumo desenfreado, sem pensar nas possíveis consequências resulta em problemas sociais e ambientais e colocam em risco a qualidade da vivência das gerações futuras. Diante disso é preciso pensar e discutir sobre possíveis soluções para questões como essas. Não podemos nos esquecer que essas alternativas que se enveredam para os caminhos do desenvolvimento sustentável, devem levar em consideração as particularidades de cada comunidade uma vez que a forma os indivíduos relacionam-se com o trabalho e com o meio ambiente também tem origens sócio culturais, podendo variar de acordo com o lugar, época, história e economia. As políticas e ideias que discutem o desenvolvimento responsável esbarram em argumentos fantasiosos, que segundo Terezinha Moreira Lima, é criada para barrá-los assim,

o poder do mito tem resvalado para outras questões importantes nas sociedades contemporâneas como o mito do desenvolvimento sustentável em uma conjuntura com mudanças dramáticas e sem precedentes, onde se verificam profundas metamorfoses no mundo do trabalho. Além do mais os conflitos em torno do avanço dos processos de devastação ambiental e da biodiversidade são desrespeitados, especialmente, pelos países

industrializados que possuem o domínio da biotecnologia e que ainda não despertaram (convenientemente) para os problemas do aquecimento do planeta (s/a, p. 03)

O desenvolvimento sustentável esbarra no mito de que representaria uma ameaça para a estabilidade do sistema econômico, comumente essa ideia é apontada por indivíduos e organizações, que não compactuam com a mesma. Assim, argumentam que o desenvolvimento sustentável é algo custoso, prejudicial, ou até mesmo, desnecessário. Esse não interesse por técnicas que visem um sistema produtivo preocupado com questões sociais e ambientais alicerçam-se em das máximas capitalistas que visam ao lucro a qualquer custo.

Apesar da economia capitalista atual representar um empecilho para o desenvolvimento sustentável a economia solidária surge como uma forma de superar esse obstáculo, isso se deve ao fato desse tipo de economia basear-se em um tripé fundamental capaz de associar a sua prática um desenvolvimento que vise o bem estar econômico e social da população unido a isso, boas práticas que busquem a preservação do meio ambiente. Diante disso, observa-se que para pensarmos em um desenvolvimento sustentável, capaz de desenvolver-se solidamente é preciso associá-lo a outro modelo econômico que não o capitalista e a economia solidária apresentam-se como uma excelente opção.

Economia solidária refere-se ao modelo econômico que tem como base elementos como a solidariedade e o respeito ao meio ambiente. Esse formato econômico é composto por indivíduos que produzem, vendem e compram os produtos. Segundo Daniel Tygel (2011) o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, esse sistema econômico divide-se em três dimensões: Economicamente, Politicamente e Culturalmente. Quanto aos aspectos econômicos podemos dizer que:

é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão: ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são ao mesmo tempo trabalhadores e donos (TYGEL, 2011, acesso em: 28/06/2018).

Diferentemente do sistema capitalista onde a riqueza se acumula na mão de poucos. Enquanto quem menos trabalha ou não trabalha beneficia-se com a maior parte dos lucros,

enquanto os empregados recebem salários miseráveis ficando, inclusive, sujeitos ao desemprego. Na economia solidária o que há é a socialização dos lucros, distribuição igualitária das funções, benefícios e obrigações. A economia solidária

é também um jeito de estar no mundo e de consumir (em casa, em eventos ou no trabalho) produtos locais, saudáveis, da Economia Solidária, que não afetem o meio-ambiente, que não tenham transgênicos e nem beneficiem grandes empresas. Neste aspecto, também simbólico e de valores, estamos falando de mudar o paradigma da competição para o da cooperação de da inteligência coletiva, livre e partilhada (TYGEL, 2011, acesso em: 28/06/2018).

A economia solidária visa o desenvolvimento igualitário. Os aspectos desse tipo de economia não atuam somente na jornada de trabalho, mas também em outros aspectos da vida, pois a forma de ver e se enxergar no mundo modificam-se. Desta forma, as pessoas que estão envolvidas com esse tipo de economia tendem a visar e promover um desenvolvimento econômico mais justo, pensando no meio ambiente e em aspectos sociais. A terceira e última dimensão diz respeito ao aspecto político. Dentro dessa característica a economia solidária,

é um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas nem nos latifúndios com seus proprietários e acionistas, mas sim um desenvolvimento para as pessoas e construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos (TYGEL, 2011, acesso em: 28/06/2018).

A economia solidária representa também uma nova forma de construir e fortalecer laços. Assim, politicamente representa uma maneira diferente de agir dentro da comunidade na qual se insere, pois as relações são democráticas, baseadas na solidariedade. Ao contrário do capitalismo, que possui uma íntima relação com as mazelas sociais, esse tipo de economia não visa o acúmulo de capitais por parte de poucos, ao contrário, os lucros são divididos igualmente, assim como as responsabilidades, incluindo uma parcela da população que viviam do trabalho informal, fortalecendo as produções de pequenas comunidades, grupos e cooperativas.

Diante do vimos anteriormente, observa-se que os ideias que norteiam o desenvolvimento sustentável e a economia solidária devem cruza-se. Assim, fortalecendo-se, pois como aponta Evandro de Oliveira (2015, p. s/p),

ambos os modelos possuem suas limitações, porém interligados terão maior facilidade para superar as dificuldades. Estes dois sistemas possuem características similares que se complementam, o que torna sua união mais fácil e benéfica.

Ainda segundo Oliveira (2015), essas duas ideias só se consolidam em espaços específicos, essas dificuldades tem a ver com o poder do capital, já em relação a economia solidária o autor também aponta que a dificuldade reside no fato de que seria necessário mudar o comportamento das pessoas, suas maneiras de ver o mundo e as relações de trabalho. A união desses dois modelos mostra-se viável a medida que ambas possuem limitações que dificultaria a sua execução, isso ocorre por que ainda tanto o desenvolvimento sustentável como a economia solidária requer uma desconstrução das ideias que um dado grupo ou comunidade possuem. Segundo Terezinha Moreira Lima (s/a, p. 4),

ambos suscitam novos princípios e valores, um contra-discurso, uma contra hegemonia na perspectiva gramsciana, a construção de outros paradigmas que venham a nortear ações e práticas coletivas para uma nova sociabilidade.

Observa-se então que, o caminho para a promoção de um desenvolvimento solidário e sustentável perpassa pelas construções sociais que cada grupo tem. A união dos mesmos se dá pela convergência dos seus ideais, parâmetros e princípios.

Na promoção dessa união temos a inclusão e a promoção de uma “igualdade” econômica dentro do sistema. Além disso,

as empresas de faceta solidária possuem um caráter diferenciado das empresas capitalistas; no capital a fidelidade se encontra na compra e venda de produtos, já na economia solidária a importância não está nos grupos ou atividades econômicas, mas sim no relacionamento social (OLIVEIRA, 2015, s/p).

Assim, uma das consequências dessa união seria o desenvolvimento social e econômico de todos os envolvidos, além dos benefícios ambientais, baseando-se em ações solidárias, valorizando a cultura local, objetivando alcançar a qualidade de vida e a integridade social das pessoas envolvidas e não o acúmulo de riquezas.

A economia solidária unida ao desenvolvimento sustentável configura-se em uma forma relevante de combate à pobreza, uma vez que possibilita a inclusão das pessoas que por algum

motivo não integram o sistemas capitalistas, valoriza também os saberes locais de uma dada comunidade, colocando-se de frente ao modelo capitalista, evidenciando que é possível existir um modelo econômico mais justo e sustentável.

Apesar das dificuldades aqui apontadas, observa-se que é possível promover o desenvolvimento sustentável unido a economia solidária, isso porque muitos dos elementos que sustentam os ideias do desenvolvimento sustentável compactuam ou completam os da economia solidária. A união de ambos os torna mais forte para enfrentar as dificuldades existentes, uma vez que não parece fácil manter-se estruturado em meio ao sistema extremamente consolidado como o capitalista. Essa questão é muito bem explicitada por Oliveira (2015, s/p) quando diz que “produção e consumo devem possuir um caráter sustentável, pois a socialização da riqueza juntamente com a sustentabilidade irá formar um desenvolvimento socialmente justo, economicamente viável e ambientalmente sustentável”.

Portanto, observa-se que a união é viável, visto que, só unidas, essas concepções inovadoras mostram fundamentais para que possamos construir uma sociedade mais justa, igualitária, sem prejudicar o futuro do planeta, garantindo a qualidade de vida das gerações futuras.

3. EMPREENDIMIENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS NA PERSPECTIVA DO COMÉRCIO JUSTO E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO POPULAR

O comércio justo nos mercados locais e regionais devem se desenvolver-se e contemplar a agricultura familiar, o agricultor de forma mais adequada no mercado. É ajudar a economia solidária a fazer a outra economia o grande desafio da economia solidária é criar novos empreendimentos dentro de um sistema ainda capitalista.

A educação popular convida as pessoas em uma constante análise crítica da sociedade quando há sempre uma reflexão sobre o porquê, do mundo ser o que é, promovendo a luta contra as injustiças e a favor da solidariedade, buscando o bem viver de todos e todas. A

educação popular é emancipadora, em que a intenção principal é construir processos onde todas as pessoas possam se fortalecer enquanto sujeitos para de fato transformar para melhor a sociedade em que vivemos Paulo freire entendia a educação popular como um ato político e acreditava que através dela é possível construir outro mundo mais justo e solidário.

O ser do homem só é verdadeiramente pessoa enquanto dono do seu destino, enquanto capaz de consciente e livre autodeterminação. Não se trata, apenas, de escolher; trata-se de dominar-se e realizar-se — não só de liberdade inicial, mas liberdade de autonomia (FIORI, 1991, p. 237).

É fundamental que a nossa prática seja guiada pela ação reflexão, pois na educação popular o mundo é uma realidade em construção e tem um papel fundamental na organização da sociedade e pode transformá-la para o bem de todos. Assim a Educação popular no Brasil nasce a partir dos movimentos de trabalhadores e trabalhadoras na busca de superar a educação elitista que ao longo do tempo perdurou no cenário educacional brasileiro Não obstante, o modelo de educação pensado a partir das lutas das classes populares se configura em um processo de educação que respeita os saberes precedentes das pessoas e também as realidades culturais na construção de novos conhecimentos, pois a cultura segundo Brandão representa

...maneiras próprias através das quais grupos de atores sociais criam símbolos e significados que, em suas origens, traduzem olhares particulares a respeito de si mesmos, de sua visão de mundo e de suas estratégias de condução do poder e de transformação da sociedade (BRANDÃO 2006, p.255).

Desta forma não se pode pensar em educação popular sem considerar as manifestações culturais que constituem as vivências, as ligações e as relações de determinado grupo, pois são essas práticas que vão delimitar e propiciar a tomada de decisões, as estratégias em que se deve seguir para alcançar o que é desejado. Daí a importância da organização coletiva e dos movimentos sociais no campo da educação popular.

A educação popular e a economia solidária caminham juntas nas práticas de educação. Em economia solidária o trabalho e o território funcionam como ponto de partida para realizar os processos educativos. O trabalho na economia solidária acontece com base na autogestão e com a participação de todos e todas. Dessa forma, as pessoas se educam a partir das suas práticas do dia a dia e nos processos de tomada decisões.

A educação popular envolve mecanismos e metodologias que unem a prática e a reflexão esse processo de consciência se dar no diálogo entre sujeitos comprometidos com mudança a partir das realidades das pessoas o diálogo é muito mais do que uma conversa ou

uma troca de palavra é um momento especial em que as pessoas podem se reconhecer uma nas outras e assim construir novos conhecimentos. Articulação da Economia Solidária com a educação popular desenvolve a importância da cooperação ágil dos sócios e da comunidade ultrapassando as desigualdades.

3.1. AS CONQUISTAS E AS IMPLANTAÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária é resultado das lutas democráticas na nossa sociedade, e nesta lutas democráticas foram construídas as instituições democráticas por isso é muito importante as políticas públicas na economia solidária, as pessoas organizavam-se suas atividades nas suas comunidades mesmo em frente às dificuldades passaram a entender que o estado, o governo pudessem apoiar essas iniciativas os atores da economia solidária entendem que eles possuem direitos e cabe o estado assegurar esses direitos.

A economia solidária alcançou espaços políticos e obteve apoio de investimentos públicos um deles foi a política de economia solidária foi incorporada ao Programa Temático “Desenvolvimento Regional Territorial Sustentável e Economia Solidária” do Plano Plurianual do Governo Federal 2012 – 2015. Foram estabelecidos dois objetivos para o quadriênio:

a) Fortalecer a institucionalidade da política nacional de economia solidária, a articulação federativa e a integração das políticas de promoção das iniciativas econômicas solidárias nos processos territoriais sustentáveis e solidários de desenvolvimento; b) Fomentar e fortalecer empreendimentos econômicos solidários e suas redes de cooperação em cadeias de produção, comercialização e consumo por meio do acesso ao conhecimento, crédito e finanças solidárias e da organização do comércio justo e solidário (BRASIL, 2011, s/p).

Ressalto o apoio das políticas governamentais à agricultura familiar, consolidadas no Plano Safra da Agricultura Familiar, pacote de medidas lançado anualmente e voltado para o segmento, que incorpora: crédito PRONAF, compras institucionais (Programa de Aquisição de Alimentos - PAA, Programa de Garantia de Preços Mínimos - PGPM e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE); e assistência técnica e extensão rural com foco na sustentabilidade e diversificação dos sistemas de produção, na geração de renda e agregação de valor e acesso a mercados institucionais e privados.(BRASIL, 2013 p.43)

Diante aos avanços cabe destacar a Lei nº 12.690\2012, que dispõe sobre a organização e o funcionamento das cooperativas de trabalho têm por finalidades a obtenção de qualificação, renda e melhores condições de trabalho para os sócios das cooperativas de trabalho; bem como evitar e combater a fraude na intermediação de mão de obra subordinada perpetrada por cooperativa de trabalho, posto que, não raras vezes, essa forma societária é utilizada para burlar a legislação trabalhista, e institui o Programa Nacional de Fomento às Cooperativas de Trabalho (PRONACOOOP) que tem a finalidade de promover o desenvolvimento e a melhoria do desempenho econômico e social da Cooperativa de Trabalho.

É marcante o reconhecimento de direitos, o crescimento as iniciativas de produção e consumo compromisso da associação e comunidade enquanto homens e mulheres do campo. Obtendo o desenvolvimento e melhorias contínua no comércio local e espaço na sociedade.

4. CONHECENDO A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO BOM GOSTO DO MUNICÍPIO DE SÃO FELIPE-BAHIA

Relatar trajetória da associação é de suma importância, é resgatar a memória história das lutas, apesar dos desafios conseguiram superação nunca desistiram de dias melhores enriquecendo e fortalecendo o empreendimento.

A associação de Desenvolvimento Comunitário do Bom Gosto São Felipe- Bahia foi fundada em 10 de dezembro de 1998, tendo como ponto de partida o fortalecimento da Agricultura

Familiar que está relacionada às propriedades rurais com gestão e divisão do trabalho associado ao núcleo familiar com diversidade na produção agropecuária.

As atividades da associação foram realizadas nos espaços produtivos dos empreendimentos econômicos solidários no município de Cruz das Almas-BA, contando com apoio logístico e equipamentos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Essas ações foram realizadas a partir dos encontros, conhecendo o espaço da produção, a organização, a comunidade e suas vivências, e com o apoio da Incubadora de Empreendimentos Solidários-INCUBA.

Uma reflexão sobre essa prática foi a aquisição de conhecimentos que garantiram mudanças: na qualidade de trabalho, na prevenção de contaminações dos alimentos com a implantação das boas práticas de fabricação. Esse é o objetivo da economia solidária inserir o ser humano no centro da atividade econômica através do fortalecimento das relações econômicas e sociais, e da valorização do trabalho. Para SINGER (2002, p. 114), "a economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc., uma vida melhor".

Ao longo da trajetória conquistamos uma cozinha industrial construída ao lado da casa de farinha modular na comunidade do Bom Gosto, pelo edital Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) inaugurada no ano de 2016., além de fornecer alimentação escolar de produtos da agricultura para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e para o Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE), irá abastecer parte do fornecimento das três cantinas em funcionamento no *campus* Cruz das Almas da UFRB.

As cantinas têm como linha prioritária o fornecimento de lanches e refeições prontas, para fornecimento de alimentação para docentes, discentes e servidores da UFRB, em funcionamento em Cruz das Almas de três cantinas, desde outubro de 2010, após o cumprimento das exigências da Chamada Pública voltada para cooperativas. As três cantinas são gerenciadas pelos Grupos de Mulheres da Comunidade de Batatan e da Associação Comunitária de Bom Gosto, formada por 32 agricultoras familiares, que integraram a Cooperativa da Agricultura Familiar do Território do Recôncavo da Bahia.

Como critério de avaliação para essa chamada analisou sociedades cooperativas as quais realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços e de comercialização e consumo no âmbito rural e urbano, e que se constitui numa empresa de propriedade coletiva, democraticamente gerida. Enquanto as mulheres estão nas cantinas outros familiares realizam atividades na casa de farinha modular, ou seja, a construção coletiva é um elemento fundamental para a sobrevivência de um grupo.

4.1. PERCEPÇÕES DOS ASSOCIADOS DA COMUNIDADE DO BOM GOSTO E BATATAN SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA

O presente capítulo tem como intuito apresentar os resultados da pesquisa, tendo como objetivo geral compreender o processo de formação dos cooperados da Associação Comunitária do Bom Gosto de São Felipe \ BA para a gestão de empreendimento solidário “Cantina Solidária do CCAAB- UFRB, além de fazer uma relação com os conceitos teóricos, destacando assim a importância das experiências adquiridas ao longo desta pesquisa e os resultados obtidos. Para fortalecer a análise dos dados os capítulos foram organizados em categorias, a primeira nomeada “O Recôncavo da Bahia e a relação com o movimento de economia solidária do Bom Gosto - São Felipe - Bahia”, o desenvolvimento da economia solidária no recôncavo baiano.

A segunda intitulada “A formação pessoal e profissional das cooperadas para o empreendimento solidário: Da solidariedade à autogestão” apresenta a visão das entrevistadas sobre as formações do âmbito pessoal e profissional para o desenvolvimento das atividades na associação comunitária. A última nomeada “A importância das formações desenvolvidas pela INCUBA/UFRB para a associação comunitária” traz como destaque a INCUBA/ UFRB, como parceira da Associação do Bom Gosto, mostrando as suas contribuições para o fortalecimento do empreendimento solidário

Para alcançar os objetivos da pesquisa, estabelecemos um diálogo com duas mulheres pertencentes a comunidade do Bom Gosto e do Batatan. As mesmas foram escolhidas seguindo os seguintes critérios: a entrevistada E1 tem um cargo de presidente da Associação do Bom Gosto e participa deste movimento desde a fundação da instituição. A entrevista E2 é sócia da Associação do Bom Gosto e membro ativo do grupo de mulheres.

No dia 22 de julho do ano corrente ouvimos alguns membros da Associação de Desenvolvimento Comunitário de Bom Gosto - São Felipe-BA, fundada em dezembro de 1998, com 70 sócios ativos. A Associação é presidida por uma mulher e a diretoria é composta, também, vice-presidente, secretária e vice-secretária, tesoureira e vice tesoureira, e quatro pessoas no conselho.

A Associação possui um Estatuto que estabelece e determina quais os direitos e deveres dos sócios, em entrevista à presidente questionamos sobre a importância do Estatuto e seu

cumprimento e segundo a mesma, as normas são seguidas pelos sócios e seus direitos são respeitados.

A ficha de inscrição dos sócios possui informações como o nome da associação, CNPJ, ano de fundação, endereço e dados pessoais do associado. Nas reuniões que acontecem, os participantes assinam uma lista para o registro da presença e as decisões e acontecimentos são registrados em ata que possui registro no Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas.

Inicialmente ao ser questionada sobre a sua concepção sobre economia solidária e educação popular a entrevistada E1, afirma que:

Como um sistema cooperativo, que vise o bem comum dos envolvidos, onde as atividades desenvolvidas visam o bem comum de todos. Assim, termos como, ajuda, cooperação, solidariedade, democracia, coletividade foram utilizadas para responderem a primeira pergunta. A educação popular são as nossas lutas onde hoje somos reconhecidas (E1, 2018) .

Nota-se que a entrevistada E1 destaca bem os conceitos da economia solidária, ressaltando a importância da educação popular para a comunidade, fazendo uma reflexão das conquistas por meio das lutas da comunidade almejando assim o reconhecimento no espaço social. Ainda sobre o conceito de economia solidária e educação popular a entrevistada E2 ressalta:

Associação educa através das lutas e conquistas feitas pelo grupo, uma vez que as mesmas os ajudam a compreender o seu lugar na comunidade e na sociedade nas quais se inserem. Sim a educação popular valoriza nossos saberes vivências da nossa comunidade, elas têm relação uma ajuda a outra são ligadas para o desenvolvimento da comunidade e valorização” (E2,2018).

A 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária, realizada em 2006, afirmou que a economia solidária é uma estratégia para o desenvolvimento sustentável e solidário, com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. A Economia Solidária possui as seguintes características: a cooperação, autogestão, solidariedade e ação econômica.

A economia solidária representa uma nova forma de organização do trabalho, tendo como princípios a solidariedade, democracia, responsabilidade, social, solidariedade e desenvolvimento humano. A criação de políticas públicas que viabilizem a criação e sustentação da economia solidária é fundamental para que o sistema se desenvolva e expanda. A agricultura familiar junta - se a economia solidária e todos ficam mais fortes e se tornando mais fortes não é apenas a produção que melhora, melhora também a vida. A educação popular é uma forma educacional voltada para as conquistas dos direitos sociais culturais e políticos ela ajuda a mostrar a realidade vivida pela comunidade e aponta caminho para a superação dos problemas encontrados e incentivam mudanças aos movimentos sociais compreender a

sociedade onde vive e percebam como sujeitos da história e se engaje em uma luta concreta por seus direitos.

A economia solidária nos mostra que o capitalismo pode não ser o único sistema que rege a economia mundial. Baseando em elementos contrários aos que alicerçam o capitalismo que, enquanto o capitalismo promove injustiças sociais, degradação ao meio ambiente, exclusão, a economia solidária tem bases comunitárias, visa o desenvolvimento coletivo e aliado ao desenvolvimento sustentável, nos mostra ser possível produzir sem agredir o meio ambiente. Além disso, esse tipo de economia representa uma forma de empoderamento das pessoas envolvidas, configurando-se como um ato pedagógico, capaz de proporcionar às pessoas novos aprendizados a medida que as pessoas podem aplicar nas suas atividades às suas vivências e conhecimentos de mundo.

Ao ser questionada sobre os objetivos da associação de Desenvolvimento de Bom Gosto, as tomadas decisões E1 aponta que:

O objetivo da Associação é melhorar a comunidade de organizar desenvolver projetos como já foi feito aqui na comunidade a associação foi criada para que pudéssemos mudar de vida. As tomadas decisões são decididas em Assembleia com a diretoria e os sócios de forma democrática (E1, 2018).

Por meio da fala observa-se a importância da associação comunitária para integrar os produtores e contribuir para melhoria e qualidade de vida da comunidade, e comunidade circunvizinha. Fortalecendo o que a entrevistada E1 falou, nota-se uma aproximação entre as percepções sobre os objetivos da Associação, quando a entrevistada E2 diz que foi preciso:

Fortalecer e organizar a comunidade como ela gerou emprego e renda não só para a comunidade do Bom Gosto, mas também para mulheres da comunidade do batatan fomos beneficiadas, as decisões são tomadas de forma democrática (E2, 2018).

As associações ativas no recôncavo baiano ajudam a desenvolver e fortalecer a economia da região. Além disso, essas associações cooperam para a valorização da cultura das comunidades, conscientizam as pessoas sobre seus direitos e deveres e os mostram ser possível construir outro modelo econômico, baseado no respeito, na solidariedade e na preocupação com o meio ambiente.

Segundo SINGER, 2002,p.09 “a solidariedade na economia só pode se ela for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais.

Assim, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas decisões”.

É significativo que tenhamos frente à sociedade iniciativas organizadas que possam representar e dialogar os interesses coletivos. Uma dessas formas é o formato de uma associação, uma associação permite que as pessoas escutem ideias que as pessoas construam posicionamentos coletivos, que as pessoas levem esses posicionamentos de uma forma organizada, que representem não só indivíduos fragmentados, mas também de forma coletiva.

Nota-se também quanto a articulação com a política de desenvolvimento territorial, colaborou com a comercialização da Agricultura Familiar e Economia Solidária na Bahia, levando a inserção dos grupos autogestionários nos mercados, conforme as características de seus produtos, incentivando relações mais justas e solidárias nas atividades de produção, consumo, comercialização, para a elevação da qualidade de vida

4.2. A FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DAS COOPERADAS PARA O EMPREENDIMENTO SOLIDÁRIO: DA SOLIDARIEDADE À AUTOGESTÃO

Ao responder sobre prática da Economia Solidária no Grupo de Mulheres Associação Comunitária: A entrevistada E1 contribui quando diz,

os trabalhos são desenvolvidos em grupo, as tarefas e responsabilidades são divididas igualmente entre os componentes do grupo a economia solidária produzimos as finanças são solidárias, o consumo solidário somos valorizados (E1, 2018).

Sobre essas práticas da economia solidária a entrevistada E2, expõe as dificuldades que estão relacionadas “há a necessidade de unir e fortalecer os laços para desenvolver o empreendimento”. Observa-se o desejo de melhorias para o desenvolvimento da associação corresponde a um dos objetivos apontado pela entrevistada E2, busca-se, também, fortalecer a comunidade e mudar a vida dos membros.

A economia solidária é um canal direto entre produtores e consumidores fortalecem a comunicação dos empreendimentos e comercialização dos seus produtos capacitação através de cursos, hoje a associação é referência da política da economia solidária.

Santos (2002, p. 64), em seu livro Produzir para Viver, destaca os principais pontos em que se apóia a lógica de um novo sistema de produção e sociabilidade: a importância dos vínculos além do econômico [...]. O autor defende que para a concretização de um

desenvolvimento global justo e sustentável. O desenvolvimento local sustentável apresenta um forte apelo à liberdade, ao fortalecer a autonomia, a consciência e a participação cooperativa da maioria.

Observa-se o quanto a economia solidária contribuiu e contribui efetivamente para a comunidade principalmente na qualidade de vida, um rumo melhor na cooperação e fortalecimento do grupo.

Apesar da solidariedade ter um conceito basilar que permeia toda a economia solidária as entrevistadas apontam para o fato de que, às vezes, há competitividade dentro grupo. É visível quando a entrevistada E2 diz que “algumas mulheres, a minoria ainda não compreenderam o sentido da economia solidária, às vezes reclama da questão do dinheiro.

Por meio desta fala e pelas reflexões dentro da pesquisa apesar de trabalhar com a solidariedade, cooperação ainda há vestígio capitalista. Sendo que os princípios da economia solidária não condizem com tais práticas. A segunda entrevistada afirmou que “os lucros são repartidos igualmente, com exceção dos domingos, quando o lucro é distribuído em consonância com a quantidade de trabalho desenvolvido por cada membro” (E1, 2018).

Quando falamos de economia solidária não é competitividade cabe a cada membro repensar na suas formações, na prática da economia solidária e colaborar para o fortalecimento do grupo sabemos que cada pessoa tem opinião diferente ao qual deve ser respeitados, porém deve-se pensar na melhoria para não ocasionar conflitos.

SINGER, 2002, p.9 afirma “e não há competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham por igual”. Observa-se que mesmo os dias de domingo deveriam ser feito uma divisão igualitária, tanto em relação ao trabalho quanto aos lucros, pois como o autor cita “todos ganham por igual”.

Estamos nos referindo em novos valores, inclusão social, na mudança no modo de produzir, comercializar e consumir, geração de trabalho e renda nova alternativa de desenvolvimento diferente do modelo capitalista vigente.

Neste sentido Freire 1987, p.16 acrescenta “libertar-se a si e aos opressores”. Não devemos representar esse sistema desigual capitalista. Paulo Freire enxerga o opressor desumanizados por que ele impõe regras sobre o oprimido na busca pela manutenção dos seus interesses e de poder. Na economia solidária, como o poder não reside apenas na mão de um sujeito, o ciclo opressivo se rompe. Daí surge a possibilidade de construir relações mais humanas e solidárias.

Referindo sobre lugar que cada uma das mulheres ocupa dentro da associação. Ao ser perguntada sobre como se sente sendo presidenta da Associação:

A entrevista E1 expressa que:

Sentimento de alegria de uma mulher do campo que através da Economia solidária teve a oportunidade de ocupar espaços diversos, de reconhecer-se como alguém que pode fazer a diferença e que pode mudar a sua própria realidade e outras pessoas. Além disso o lugar dessas mulheres na sociedade possibilitou que a mesmas fossem empoderadas, chegando a ocupar cargos que historicamente eram ocupados por homens (E1, 2018).

Sentimento apresentado pela entrevistada enquanto mulher do campo na construção de uma história marcada por muita força de vontade e grandes conquistas. Sobre esses sentimentos, valorização e orgulho do espaço onde se encontra a entrevistada E2 menciona:

Feliz por que alcançamos vitórias, foram dias difíceis para ter essa autonomia não desistimos. Eu me sinto tão importante por ser mulher no campo ocupando espaços em uma universidade nas feiras da agricultura familiar expondo nossos produtos isso é motivo de orgulho e que possamos alcançar mais esses espaços (E2, 2018).

Conforme aponta DIAS (2004, p.20), “todo mundo sabe que a mulher sempre foi discriminada, nunca teve as mesmas oportunidades asseguradas aos homens. Nossa cultura patriarcal gerou uma sociedade machista, em que a mulher ocupava um papel subalterno. Excluída, ficava confinada ao reduto da casa, tendo por única missão a assistência da família, a organização do lar, o apoio ao marido e o cuidado dos filhos”.

Toda mulher tem dentro de si capacidades e potencialidades que já estão lá, mas elas só precisam ter oportunidades para mostrar o seu poder e valor, a beleza do que ela é, capaz de fazer de toda luta e toda sua trajetória isso é magnífico quando as mulheres se reconhecem, quantos espaços conquistaram isso já um avanço diante de uma sociedade capitalista e machista.

4.3. A IMPORTÂNCIA DAS FORMAÇÕES DESENVOLVIDAS PELA INCUBA/UFRB PARA A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA

Sobre a contribuições da INCUBA/ UFRB, a entrevistada E 1 afirma que “quanto a Incuba\UFRB tivemos apoio cursos de cooperativismo oficinas de gestão acompanhamentos apoio logístico e equipamentos. Também tivemos outras parcerias como a Cediter, Agrovida”. Observa-se que entrevistada E1 mostra satisfeita com o apoio da universidade e outras instituições, sendo fundamental para os trabalhos desenvolvidos na Associação fossem melhorados e fortalecidos, uma vez que a INCUBA/ UFRB promoveu palestras e curso como Associativismo, Manipulação de Alimentos, Boas práticas de manipulação dos alimentos, entre outros, que visavam dar apoio logístico, desenvolver a comunidade, e entre outros.

A entrevistada E 2 aponta para o “apoio, diálogo com alguns alunos e professores da universidade visitas incentivos para que participássemos das feiras na UFRB para demonstrar nossos alimentos e valorização da Agricultura Familiar”. Também ficou claro, que a entrevistada E2 reafirmam apoio da UFRB à associação permitiu que representantes da comunidade participassem de eventos na universidade, apresentando produtos e valorizando o trabalho desenvolvido pela associação, elevando a autoestima dos sócios.

Ainda sobre os cursos desenvolvidos pela INCUBA\ UFRB... As entrevistadas ressaltaram as contribuições para a prática na cantina solidária:

Tivemos muitos cursos como Estudo de viabilidade, culinária, depreciação dos equipamentos e entre outros. Todos eles foram importantes mas quero destacar o curso de manipulação de alimentos que contribuiu e contribui até hoje para que possamos ter devido cuidados de higiene usar toucas luvas já que trabalhamos com público e com alimentos (E1, 2018).

A entrevistada A2 menciona que:

Associativismo, cursos dos derivados de raízes... Pra me todos os cursos foram essencial, hoje fazemos de tudo para colocarmos em práticas nas cantinas esses cursos não foram em vão, hoje também a gente ajuda outras associações ensinando esses cursos (E2, 2018).

É visível nas falas das entrevistadas a relação teoria e prática é imprescindível através da ação que se vai construído enquanto sujeitos. É preciso buscar alternativa renovação para fortalecer o empreendimento mediante a isso, todos terão a chance de melhorar o trabalho e associação.

Além das contribuições citadas acima, as entrevistadas foram questionadas sobre de qual forma o governo do estado colaborou para o desenvolvimento da Associação e foram citadas ações como: “o governo do Estado nos apoiou muito principalmente nos projetos na cozinha Industrial, editais e equipamentos”. Pela fala da entrevistada, os editais têm ajudado muito a associação já que eles estão no mundo da produção e cada vez estão melhorando a qualidade otimizando e conseguindo o melhor retorno.

A entrevistada E2 afirma que “o projeto cozinha industrial e a inserção de alimentos produzidos pela agricultura familiar nas escolas públicas”. Desta maneira, algumas das formas mais básicas que surgem são as reivindicações frente ao estado com demandas bem específicas os projetos, os recursos para agricultura familiar e associações para implementar a produção de bens e serviços sustentabilidade e permanência dos homens e mulheres no campo.

Nesta perspectiva SINGER (2002, p. 92), aborda que a ajuda do Estado será um fator importante para o movimento das cooperativas de produção, por uma série de motivos. O

primeiro é que os trabalhadores não dispõem de capital nem propriedades que pudessem oferecer como garantia para levantar capital no mercado financeiro. O segundo é que as firmas capitalistas, que concorrem com as cooperativas de produção, também contam com a ajuda do Estado, sob as formas usuais de isenções fiscais e crédito favorecido. Portanto, para concorrer em condições de igualdade com estas firmas, as cooperativas de produção precisam do apoio do poder público.

Observa-se que a intervenção do estado é fundamental para que essas associações se desenvolvam e ganhem forças para competir no mercado. Além disso, o fornecimento de recurso faz com que a produção seja desenvolvida. Como vimos nas falas das entrevistadas mostra como foi fundamental as parcerias citadas acima para o fortalecimento da associação e grupo de mulheres. Porém, sabemos que todo avanço foram resultados direto do trabalho da organização.

As respostas das entrevistadas nos mostram que a economia solidária fortalece vínculos, fortalecem e criam valores fazendo com que haja reciprocidade entre as pessoas. Além disso, a economia solidária pode ser encarada como uma ferramenta política, uma vez que, permite que os envolvidos tenham consciência do seu espaço no mundo e da capacidade de mudar a realidade na qual estão inseridos. Criam-se novos espaços onde o trabalho fortalece a relação entre as pessoas. Apesar de surgir como uma forma de sanar as necessidades dos membros, os valores construídos dentro da associação extrapolam os seus limites, construindo da sociedade valores sociais com bases democráticas, solidárias e respeitando o coletivo.

Observa-se que a Economia solidária é uma ferramenta de empoderamento feminino, isso porque as ideias que a rege, como igualdade e solidariedade, permite que as mulheres possam atuar no mesmo patamar masculino. A desigualdade entre homens e mulheres é uma criação sócio histórica e cultural, e são elas que determinam como cada sujeito deve comporta-se na sociedade. As novas formas de se fazer economia fazem com que os sujeitos percebam que outros comportamentos também podem mudar, contribuindo para que pensamentos enraizados na sociedade, que atribuem à mulher um lugar inferior ao homem, sejam repensados que ajudam no processo de igualdade de gênero e empoderamento feminino.

Além desses aspectos, observa-se nas falas das entrevistadas que a Economia solidária e a convivência na associação representam um forte elemento pedagógico que educam e preparam as pessoas para atuarem e mudarem a sua comunidade. A união entre o trabalho e o aprendizado trata-se de uma forma de fortalecimento e conscientização dessas pessoas.

O trabalho é qualifica o homem e o enobrece. É através do trabalho que, muitas vezes, as relações sociais entre as pessoas são fortalecidas. Para o sistema capitalista essas relações

não são importantes, nesse sistema os aspectos mais relevantes são aqueles que dizem respeito a força e qualidade do trabalho, separando os sujeitos em grupos determinados pelo capital que cada um possui.

Se pensarmos nos atos pedagógicos vinculados às relações de trabalho, observa-se que até a educação e o ato pedagógico encontram-se influenciados pelos ideais capitalistas. Desta forma temos, a educação não como um elemento capaz de moldar o sujeito, mas como uma mercadoria, cuja a aquisição relaciona-se com o poder aquisitivo de cada pessoa. As propagandas de faculdades particulares vendem projetos de vidas que podem ser pagos em várias prestações e com descontos consideráveis.

A educação dentro do capitalismo como mais uma mercadoria, onde apenas quem tem dinheiro pode acender culturalmente. Quando falamos em Economia solidária como um ato pedagógico, precisa-se compreender o tema trabalho é elemento basilar na formação educacional dos associados.

É importante ressaltar que a educação ultrapassa os muros da escola. A formação do cidadão trabalhador visa a construção identitária do mesmo, elucidando, inclusive, questões relacionadas com o seu trabalho. Desta forma a economia solidária não deve ser vista apenas como uma alternativa ao capitalismo, mas também, como um movimento que se liga a outros movimentos, como a educação e o desenvolvimento sustentável.

Pensar na Economia solidária uma um ato pedagógico é compreender que o conhecimento é promovido em meios diversos. Os associados e trabalhadores precisam ter seu saber considerado e para isso é preciso ressignificar o trabalho que precisa ser vista sob o prisma do trabalho coletivo e da valorização dos seus saberes.

A economia solidária é um sistema econômico que desconstrói o conhecimento que os sujeitos tinham referente as relações de trabalho, abrindo os olhos das pessoas para novas relações de trabalho. Construindo relações que valorizam a sua cultura e forma de ver o mundo, é nessa medida que a economia solidária configura-se como um ato pedagógico que molda os sujeitos para desfrutarem de uma liberdade que vai além da lei da mais valia. É através de parâmetros como solidariedade, autogestão, democracia e reconhecimento de cada pessoa dentro da associação que a Economia Solidária, além de representar um sistema econômico que mostra ser possível um desenvolvimento igualitário, desenvolve e capacita os sujeitos para serem autores da própria história e modificadores da própria realidade.

É notável a importância da Associação comunitária para a comunidade do Bom Gosto, foi um movimento espetacular com avanços, as pessoas que trabalhavam com fogos de

artifícios não trabalha mais, oportunidade de conhecerem outras pessoas, outros ambientes gerando renda para a comunidade local.

Destaca-se como ponto também importantíssimo foi o incentivo aos estudos ao depararmos no espaço da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, algumas mulheres, filhos dessas mulheres ingressaram na Universidade sendo uma motivação para essas pessoas, agricultores e filhos de agricultores do campo ingressando em uma universidade foi um ótimo incentivo para minha trajetória de vida.

Portanto, observa-se que se os sujeitos se unem com certeza irão atingir um objetivo comum, com esse movimento que conseguimos crescer, através da vontade das pessoas vão se fortalecendo, com isso fortaleceu as parcerias entre as mulheres organizadas, recuperando a condição de cidadão, autonomia da mulher do campo com base no engrandecimento das suas raízes culturais, além de atribuir qualidade aos produtos da agricultura familiar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim com a colaboração desta pesquisa, podemos observar a importância da economia solidária para a associação comunitária e para o grupo de mulheres nos valores, na ajuda mútua, liberdade, na esperança de um futuro melhor e responsabilidade. O presente trabalho conseguiu alcançar os objetivos propostos, pois chegou na discussão sobre a economia solidária os acompanhamentos as produções diretamente nos espaços dos empreendimentos econômicos solidários, contando com apoio da incubadoras universitárias também vêm se destacando na formação de futuros profissionais do campo da economia solidária.

No Brasil, a economia solidária está se expandindo em todo território nacional principalmente na agricultura familiar, artesanatos e coleta seletiva. Sendo uma nova educação nova filosofia de vida na construção de novo ser social, novas relações sociais e nova sociedade. Para serem considerados da economia solidária, os empreendimentos devem ser administrados de forma democrática com a participação dos associados o trabalho deve ser para homens e mulheres com igualdade de gênero, raça etnia e geração.

Que resume bem a Pedagogia de Paulo Freire: Toda a pedagogia de Paulo Freire é uma permanente dialogicidade das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação. Destarte se forma a comunidade na qual todos, enraizados na realidade, aprendem uns dos outros, ensinam uns aos outros e se fazem parceiros na construção coletiva da história (BOFF in FREIRE, 1992, p. 6)

A pesquisa também ofereceu um novo olhar sobre a economia solidária em relação com a educação ambas tem a chave do diálogo. Para freire a construção do conhecimento é sempre uma ação dialógica entre educandos e educadores, ou seja, uma relação importante também para os empreendimentos solidários pelas palavras que compõem que designam esse mundo.

Portanto, é visível que educação não formal é de suma importância para a sociedade em geral, pois contribui para a produção do saber, na medida em que atua no campo de vivências dos cidadãos. Desta maneira, o sujeito reúne ideias e saberes através de compartilhamento de experiências vividas, e ao mesmo tempo produz conhecimento pela reflexão, fazendo cruzamento entre os saberes herdados e saberes adquiridos. É preciso ressaltar que mesmo diante de uma sociedade capitalista, mesmo com alguns pequenos contratemplos, o grupo demonstra firmeza fortalecimento e luta constante na busca novas conquistas.

A educação popular e não formal se complementam isso foi visível durante a aplicação e o término da entrevista, pois os saberes populares estavam o tempo todo nos discursos dos sujeitos, e a construção do conhecimento se efetivam coletivamente.

6. REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

BERTUCCI, Jonas de Oliveira. **A economia solidária do pensamento utópico ao contexto atual: um estudo sobre experiências em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (Dissertação de Mestrado em Economia).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Trinta Anos Depois: alguns elementos de crítica atual aos projetos de cultura popular dos movimentos de cultura popular dos anos 1960. In: **Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2006.

BRASIL. Secretaria Nacional de Economia Solidária. 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária. **Anais**. Brasília: SENAES/MTE, 2006.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. **Plano Mais Brasil PPA 2012 - 2015: Relatório Anual da Avaliação: ano base 2012 / Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/SPI**. - Brasília : MP/SPI, v. 5, 2013.

BRASIL. LEI Nº 12.690, DE 19 DE JULHO DE 2012. Acesso em: 07 de Julho de 2018.

DIAS, Maria Berenice. **Conversando sobre mulher e seus direitos**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

_____. 1921 – 1997 **Política e educação: ensaios** / Paulo Freire. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23)

_____. **A Educação como Prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. Paulo Freire.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FIORI, Ernani Maria. **Textos Escolhidos: Educação e Política**. Porto Alegre: L&PM, v. 2, 1991.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir (Org.). **A Voz do Biógrafo Brasileiro: A prática a altura do sonho**. Paulo Freire. Uma Biobibliografia. São Paulo: Cortez Editora / Instituto Paulo Freire, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KRAYCHETE, G. AGUIAR, K. (org.). **Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação**. São Leopoldo: Oikos, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991

LIMA, Teresinha Moreira. Economia solidária e desenvolvimento sustentável: possibilidades e desafios Tecnologia e Sustentabilidade. **V Encontro Internacional de Economia Solidária “O Discurso e a Prática da Economia Solidária”**. NESOL - Núcleo de Economia Solidária - USP.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 27ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MPOG. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. **Plano plurianual 2008 - 2011: desenvolvimento com inclusão social e educação de qualidade**. Brasília: MP, 2007. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/arquivo/spi1/ppa1/2008/081015_ppa_2008_mespres.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2014

MTE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. **Plano plurianual 2012 - 2015: Plano mais Brasil, mais desenvolvimento, mais igualdade, mais participação**. Brasília: MP, 2011. Disponível em http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/arquivo/spi-1/ppa-1/2012/mensagem_presidencial_ppa-2.pdf. Acesso em: 12 de outubro de 2014.

OLIVEIRA, Evandro. Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária: Uma Conexão Necessária. **Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade**, Ano V, Nº 11, setembro de 2015.

ONU News. **Agenda 2030: entenda o que é o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2015/10/1527661-agenda-2030-entenda-o-que-e-o-desenvolvimento-sustentavel.pdf>>. Acesso em: 4 setembro 2012.

SANTOS, Boaventura Souza (org). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Isabel. VELLOSO, Tatiana. **Educação para cooperação: A experiência da cooperativa Agro-Industrial do Recôncavo da bahia** - Cooperrecôncavo - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2009.

SENAES. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Termo de Referência do Sistema de Informações em Economia Solidária – SIES**. Brasília: SENAES/MTE, 2004. (mimeo).

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SZYMANSKI, Heloísa. **A entrevista na educação e prática reflexiva**. Heloísa Szymanski (org), Laurinda Ramalho de Almeida, Regina Célia Almeida Rego Prandini. 4ª ed. Brasília: Liber Livro, 2004.

TYGEL, Daniel. **O que é Economia Solidária**. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em:< <https://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

APÊNDICE – ROTEIRO DA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CAMPUS AMARGOSA

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- Atestamos que as informações/dados produzidos na presente entrevista serão utilizados para fins acadêmicos / científicos e a identidade dos sujeitos da pesquisa não será divulgada. **Permissão para gravar/ Solicitar que desliguem o celular.**

DADOS DA ASSOCIAÇÃO

Nome da Associação _____

Ano de Fundação _____

Quantidade de sócios _____

Nome _____

Data de Nascimento _____

Profissão _____

Escolaridade _____

Sexo M () F ()

Endereço _____ Cidade _____

Nome _____

Data de Nascimento _____

Profissão _____

Escolaridade _____

Sexo M () F ()

Endereço _____ Cidade _____

- 1- Defina o que é Economia solidária e Educação popular? Na sua opinião, existem relação entres ambos?
- 2- Qual a situação atual da prática da Economia Solidária no Grupo de Mulheres Associação Comunitária? Comente
- 3- Qual o objetivo principal da Associação Comunitária ? Como é tomada as decisões?
- 4- Quais as contribuições da INCUBA\UFRB, para o empreendimento? Quantos cursos? Você destaca algum? Porque? Os mesmos contribuíram para a prática na cantina solidária?
- 5- De que forma o governo do Estado tem atuado para o fortalecimento da Economia Solidária ?
- 6- Diante das formações sobre economia solidária, associativismo... Existe dentro da Associação e grupo de mulheres competitividade?
- 7- Como você se sente enquanto mulher do campo ocupando a presidência da associação?
- 8- Como você se sente enquanto mulher do campo na construção de uma história marcada por muita força de vontade e grandes conquistas?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSOR - CFP
CENTRO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante sou estudante do Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, pelo Centro de Formação de Professores (CFP). Estou realizando uma pesquisa sob a responsabilidade de pesquisadora Luzani dos Santos Santana, e orientação da Prof^a. Dra. Tatiana Ribeiro Velloso cujo objetivo é compreender o processo de formação dos cooperados da Associação Comunitária do Bom Gosto de São Felipe\ BA para a gestão do empreendimento solidário “Cantina Solidária do CCAAB- UFRB”. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa mediada pela aplicação de .entrevistas semiestruturadas.

Caso concorde em participar da pesquisa, lhe é assegurado sigilo e anonimato das informações e em caso de eventual constrangimento, ou não se sinta suficientemente esclarecido, lhe é facultado retirar o consentimento, sem nenhum prejuízo. Da parte dos pesquisadores fica ainda assegurado ao participante que não haverá qualquer ônus; os dados produzidos serão utilizados para fins estritamente acadêmicos, ficando sob a responsabilidade da equipe de pesquisa. Após ser esclarecido (a) nós abaixo assinamos:

Amargosa - Ba, Julho de 2018

Assinatura do pesquisador responsável

Nome (participante) _____

Assinatura _____